



Revista
Gestão & Políticas Públicas

Artigo

O Empoderamento para a Mulher em Vulnerabilidade Social

Empowerment for Women in Social Vulnerability

*Empoderamiento de Mujeres en Situación de Vulnerabilidad
Social*

*Autonomisation des Femmes en Situation de Vulnérabilité
Sociale*

Karine Nogueira de Souza ¹

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, Brasil; especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil; doutora em Psicologia pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales, Buenos Aires, Argentina.

Resumo

Com o objetivo de apresentar as representações sociais sobre empoderamento, este artigo é resultado de uma pesquisa realizada com mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social, no município de São Paulo, SP, Brasil. Para coleta de dados utilizamos entrevista semiestruturada e questionário de associação livre, tendo na teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici a sustentação teórico metodológica. Participaram 30 mulheres que vivenciam situações de vulnerabilidade social, na faixa etária entre 18 a 55 anos, mães de três filhos ou mais. O estudo identificou diferenças importantes nas representações sociais apresentadas de acordo com a faixa etária das mulheres participantes do estudo. Como resultado temos, que a representação social sobre o empoderamento se ancora na necessidade de maior informação sobre os direitos, pertencimento e igualdade social.

Palavras-Chave: Representação Social; Mulher; Chefe de Família; Empoderamento; Comportamento Coletivo.

Abstract

In order to present the social representations about empowerment, this article is the result of a research carried out with women heads of families in a situation of social vulnerability, in the city of São Paulo, SP, Brazil. For data collection, we used semi-structured interviews and a free association questionnaire, using Serge Moscovici's theory of Social Representations as the theoretical and methodological support. Participated 30 women who experience situations of social vulnerability, aged between 18 and 55 years, mothers of three children or more. The study identified important differences in the social representations presented according to the age group of the women participating in the study. As a result, the social representation about empowerment is anchored in the need

for more information about rights, belonging and social equality.

Keywords: Social Representation; Woman; Householder; Empowerment, Collective Behavior.

Resumen

Con el fin de presentar las representaciones sociales sobre empoderamiento, este artículo es el resultado de una investigación realizada con mujeres jefas de familia en situación de vulnerabilidad social, en la ciudad de São Paulo, SP, Brasil. Para la recogida de datos se utilizaron entrevistas semiestructuradas y un cuestionario de libre asociación, utilizando la teoría de las Representaciones Sociales de Serge Moscovici como soporte teórico y metodológico. Participaron 30 mujeres que viven situaciones de vulnerabilidad social, con edades entre 18 y 55 años, madres de tres hijos o más. El estudio identificó diferencias importantes en las representaciones sociales presentadas según el grupo de edad de las mujeres que participaron en el estudio. Como resultado, la representación social sobre el empoderamiento está anclada en la necesidad de mayor información sobre derechos, pertenencia e igualdad social.

Palabras Clave: Representación Social; Mujer; Cabeza de Familia; Empoderamiento, Comportamiento Colectivo.

Resumé

Afin de présenter les représentations sociales de l'autonomisation, cet article est le résultat d'une recherche menée auprès de femmes chefs de famille en situation de vulnérabilité sociale, dans la ville de São Paulo, SP, Brésil. Pour la collecte de données, nous avons utilisé des entretiens semi-structurés et un questionnaire d'association libre, en utilisant la théorie des représentations sociales de Serge Moscovici comme support théorique et méthodologique. Participation de 30

femmes en situation de vulnérabilité sociale, âgées de 18 à 55 ans, mères de trois enfants ou plus. L'étude a identifié des différences importantes dans les représentations sociales présentées selon la tranche d'âge des femmes participant à l'étude. En conséquence, la représentation sociale de l'autonomisation est ancrée dans le besoin de plus d'informations sur les droits, l'appartenance et l'égalité sociale.

Mots-Clés: Représentation Sociale; Femme; Propriétaire; Autonomisation; Comportement Collectif.

Introdução

O termo empoderamento, tem sido utilizado pelos analistas de políticas públicas para conceituar as pessoas protagonistas de sua própria história, seu significado ainda é cercado de muitos sentidos, se refere tanto a processos de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades, buscando crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva na vida dos sujeitos, quanto a ações destinadas a inclusão de pessoas carentes a acessos de bens básicos para a sobrevivência (Gohn, 2004).

Putnam (1993), para entender a questão do empoderamento elaborou os conceitos de comunidades cívicas e capital social. Como comunidades cívicas caracteriza cidadãos atuantes, com elevada compreensão de igualdade e com vivência social firmada na confiança, diz que os hábitos democráticos derivam de relações horizontais. O segundo termo apresentado pelo autor, capital social, diz sobre o valor das redes sociais, a importância das conexão e aproximação dos indivíduos e as normas de lealdade e reciprocidade fundamentada nestes espaços. Uma sociedade com indivíduos virtuosos, agindo de forma individual não é rica em capital social, enquanto que quando o contrário acontece, quando se estabelece uma densa rede de relações sociais se torna uma sociedade poderosa.

A partir do exposto, utilizaremos o termo empoderamento no sentido de pensar processos capazes de gerar desenvolvimento autossustentável, que acontece na maioria das vezes sem apoio político ou sindicatos. Pensando indivíduos que tenham conhecimento dos seus direitos e sendo protagonistas do desenvolvimento próprio e da comunidade em que vive.

De raízes teóricas na reforma protestante, o empoderamento, tradução de empowerment, se opõe ao paternalismo, a utilização do termo se inicia nos Estados Unidos pelos movimentos de direitos, movimento negro, movimentos de lutas homossexuais, feministas e portadores de deficiência, que lutavam pelo alcance da cidadania plena, contra a opressão e preconceitos (Baquero, 2005).

Paulo Freire (1979), agrega ao conceito de empoderamento a noção de conscientização, enquanto processo de conhecimento que se dá na relação dialética homem-mundo, num ato de ação-reflexão. Empoderamento é o processo de ação social, onde os indivíduos são protagonistas de suas próprias vidas pela interação com o outro, o que favorece a construção da capacidade social e pessoal, possibilita a transformação das relações sociais e gera pensamento crítico em relação à realidade (Baquero, 2005).

Baquero (2005) aponta que, o empoderamento, ligado ao capital social, pode contribuir na superação de problemas sociais, transformando as relações de poder em favor dos que possuem poucos recursos, sejam eles físicos, humanos, financeiros, intelectuais e do próprio ser, pode apoiar na superação de situações de pobreza, valores, crenças e atitudes de pessoas e comunidades.

Para melhor compreensão do contexto do estudo, se faz relevante pontuar que a vulnerabilidade social aqui referida parte do olhar de Sandra Djambolakdjian Torossian (2013, p.56) no livro Políticas públicas e assistência social, onde afirma que, “vulnerabilidade social não se define apenas pelo índice de pobreza” e sim, pela inclusão ou não da população em relação

aos serviços e políticas públicas. De acordo com a autora, a vulnerabilidade social apresenta-se como produção de variados sentidos, podendo contribuir tanto para uma homogeneização e manutenção da população em lugar de risco, quanto para a construção de empoderamento e estratégias dos sujeitos na elaboração de potência de vida.

Entende-se que a vulnerabilidade social se dá no campo objetivo e subjetivo, a primeira se relaciona a dimensão material, privação de renda e privação de acessos a serviços públicos. Já as questões subjetivas decorrer a partir de vivências de violência, desvalorização, discriminação e exploração, no âmbito familiar, comunitário e social, estas experiências acarretam a fragilização dos vínculos afetivos e de pertencimento social, tornando o indivíduo exposto a riscos individuais e social, a violações de direitos (MDS, 2015).

1. Método

1.1. Participantes

Participaram deste estudo 30 mulheres chefes de família, casadas ou não, com idade entre 18 e 55 anos e com três ou mais filhos em situação de vulnerabilidade social, residentes no município de São Paulo, SP, Brasil.

Importante frisar que o conceito de chefe de família utilizado no estudo é o defendido por Berquó (2002, p.245):

As famílias chefiadas por mulheres devem ser reconhecidas como resultado “de um conjunto de transformações econômicas, sociais, culturais e comportamentais que vão se sucedendo ao longo do tempo”, e que produzem variações nas trajetórias das mulheres, fazendo que essa chefia possa ter múltiplos significados, tais como a situação da mulher solteira, viúva ou separada com filhos, ou daquela que pode ser casada e estar coabitando com companheiro e filhos, ou encontrar-se nessas mesmas condições e ainda estar vivendo com parentes e outros agregados.

O critério para o levantamento da amostra foi o não aleatório, sendo todas as participantes mulheres chefes de família, casadas ou não, com idade entre 18 e 55 anos e com três ou mais filhos em situação de vulnerabilidade social.

1.2. Técnica e Instrumentos

Como técnica para a coleta de dados utilizamos a entrevista com questões semi estruturadas, estas serão apresentadas no decorrer da descrição dos resultados. Esta técnica de acordo com Roech (1999) possibilita maior compreensão e clareza da perspectiva dos entrevistados e permite identificar particularidades individuais, bem como componentes sociais, históricos e culturais de cada participante.

De acordo com Nogueira-Martins e Bógus (2004), a entrevista semi estruturada permite que o entrevistado se sinta livre de pressões e pode ser espontâneo na construção de seu pensamento. A entrevista tem um roteiro elaborado pela pesquisadora, com o intuito de não ser um instrumento de opressão para o participante, no decorrer da entrevista as mulheres podem derivar ou contar histórias de acordo com sua iniciativa, além disso, há a possibilidade de realizar perguntas adicionais no sentido de esclarecer fatos, relatos e expressões faciais.

Além da entrevista, utilizamos a Técnica de Associação Livre, esta técnica de coleta de dados consiste em inicialmente solicitar ao participante que fale as primeiras palavras ou expressões que lhes vierem à mente a respeito de alguns estímulos, ou palavras indutoras.

1.3. Procedimentos

A aplicação da entrevista foi realizada no espaço de convívio das participantes, este uma instituição do terceiro setor que atende adultos em situação de vulnerabilidade social e oferece Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos. O contato inicial foi feito nos encontros do grupo neste espaço, onde foi apresentado o estudo, seus objetivos, convidando as mulheres que se encaixassem no perfil para a entrevista.

O perfil solicitado foi que fossem mulheres, mães e responsáveis pelo sustento e educação de seus filhos, chefes de família. O convite foi realizado em 4 encontros com mulheres de faixas etárias distintas e moradoras de diferentes regiões da cidade. Após a sinalização do interesse em participar da entrevista, foi realizado o contato telefônico para agendar o melhor dia e horário para a realização.

Antes de iniciar a entrevista semiestruturada foi-se aplicado um questionário sócio econômico, a fim de verificar em quais aspectos se enquadram a vulnerabilidade social das famílias, este nos possibilitou analisar aspectos como: cor/etnia declarada, estado civil, onde e em quais condições cada entrevistada mora, com quem e quantas pessoas dividem a mesma residência e qual a principal fonte de renda da família.

Foram utilizadas para o estudo 30 entrevistas. Após a análise do perfil socioeconômico a amostra foi dividida em 2 grupos. O primeiro grupo formado por mulheres mães com filhos menores de 18 anos e com idade de 18 a 39 anos e o segundo grupo por mães com filhos com idade superior a 18 anos e com idade de 40 a 55 anos, na sequência foi aplicado o questionário com entrevista semiestruturada.

1.4. Análise de Resultados

Optamos pela utilização da abordagem estrutural de Abric a partir da construção dos diagramadas de Núcleo Central e periférico para cada pergunta. Primeiro foi listado as frases sínteses e codificadas de forma aberta, foram retiradas as frequência e importância designada. A partir de então, foram construídos os quadrantes segundo os critérios de frequência e importância. O critério qualitativo foi selecionado para privilegiar frases cujo conjunto adquire um significado dinâmico dentro de cada quadrante.

As representações sociais apreendidas nas entrevistas foram evidenciadas por meio de um quadro que diferencia em seus quadrantes: o núcleo central; a primeira periferia; os elementos contrastantes; e a segunda periferia. No núcleo central, apresentam-se basicamente os sinônimos associados ao objeto, os elementos que caracterizam melhor o objeto de estudo. A primeira periferia alude aos elementos periféricos mais importantes, enquanto que a segunda periferia faz referências aos elementos pouco presentes e pouco importantes no campo da representação. Já os elementos contrastantes dizem respeito àqueles temas enunciados por poucos sujeitos, mas que os consideram de grande importância.

No que concerne aos questionários de associação livre, a análise de palavras foi realizada de maneira manual. As palavras associadas foram divididas por categorias, estas foram explicitadas de acordo com a recorrência quantitativa, ou seja, a frequência com que as palavras apareceram. Assim, percebemos a reestruturação das mesmas mediante os sentidos apresentados a cada termo.

2. Resultados: empoderamento como expressão indutora

As palavras associadas à expressão indutora Empoderamento revelaram seis categorias: direitos, saúde, participação, dimensão relacional e educação.

A categoria *direito* apresentou o maior número de palavras evocadas, o que revela que as mulheres compreendem-se como cidadãs, sabem que possuem muitos direitos, porém suas experiências se cercam de discriminação e dificuldades ao acessá-los. A busca pelo acesso aos direitos representa o reconhecimento enquanto ser humano, o fato de não se perceber desta forma torna a vivência uma constante luta, seja para mostrar que são merecedoras, seja para alcançar uma melhor posição social.

A segunda categoria com mais palavras evocadas foi *participação*, se percebe o desejo de ser mais atuante nas discussões sobre direitos e decisões com relação ao bairro ou demais equipamentos, tal atitude desperta o sentimento de pertencimento, porém, por conta de ter que cuidar dos filhos principalmente, seguido de trabalho e falta de tempo livre, não conseguem

participar da forma desejada, com isso sentem-se muitas vezes manipuladas pelas decisões do Estado e pessoas com maior conhecimento.

A categoria *educação*, reforça o já mencionado no capítulo anterior, representa a preocupação que as mulheres possuem com relação ao que tem sido oferecido aos filhos, bem como a insatisfação por não terem conseguido alcançar o grau de educação esperado, projetando nos filhos o sucesso que não tiveram. Compreendem que se tivessem maior nível de conhecimento participariam com maior qualidade das discussões e tomadas de decisão tanto de suas próprias vidas quanto da vida de seus filhos.

A categoria *saúde*, se apresenta carregada de experiências negativas e insatisfação, a falta de médicos nos postos de saúde e a dificuldade de atendimento em especialidades, a vivência constante de dores pelo corpo e a falta de acompanhamento psicológico tornam as mulheres mais fragilizadas e com maior dificuldade de buscar melhorias, visto que não conseguem atendimento onde compreendem que deveriam conseguir, que seria nos postos de saúde e hospitais públicos.

Com menos palavras evocadas a categoria *dimensão relacional*, se apresenta carregada de sentimentos antagônicos, ao mesmo tempo em que se apresentam palavras negativas de sentimentos, relações e situações vivenciadas com relação a si mesmo, aparecem também sentimentos de felicidade e esperança, voltados principalmente, a possibilidades de futuro dos filhos.

3. Representação Social de Empoderamento de Acordo com os Quadrantes ABRIC

Organizou-se para a construção da análise estrutural das Representações Sociais de Empoderamento, uma entrevista semi estruturada com 7 questões, para cada uma das questões se constituiu uma representação social e a partir destas se apresentará uma representação única, a fim de ampliar a compreensão sobre a temática.

Foram estabelecidas frases sínteses, a partir da análise de cada relato constituídas pela avaliação da pesquisadora com o apoio de outros dois juízes (uma assistente social e uma pedagoga), desta forma tivemos 3 análises sobre os relatos das entrevistadas. A partir das frases sínteses se estabeleceram categorias que se constituíram por: igualdade social, falta de informação, pertencimento social, aquisição de conhecimento, tempo ocupado com os filhos, desconfiança, impulso para a ação, preocupação com os filhos, desvalorização do trabalho, saúde debilitada, segurança nos espaços, protagonismo, ligação com o divino, falta de tempo livre, resistência a mudança.

Na categoria *igualdade social*, estão as falas que remetem a necessidade de que todas as pessoas devem ter os mesmos direitos, independente de renda ou local de moradia, as falas que

abordam que homens e mulheres devem ter os mesmos acessos e as mesmas chances. Que representam o empoderamento como algo que todos devem conhecer e falas onde se apresenta a valorização da participação da mulher nos espaços.

Como *falta de informação*, abordamos os relatos onde as mulheres apresentam não saber onde são os espaços de discussão, onde podem procurar informações sobre os direitos, bem como as falas apresentadas com relação a vontade de participar de espaços democráticos de discussão. Foram abordados na categoria *pertencimento social*, as falas que apresentam o reconhecimento das mulheres no processo de construção da sua identidade, de se apropriar das possibilidades de participação na sociedade, a preocupação com as demais pessoas que moram na comunidade, bem como as falas que apresentam necessidade e desejo de estar e ser aceita em grupo.

Na categoria *aquisição de conhecimento*, foi abordado os relatos que apresentam a fragilidade com relação aos conhecimentos que as mulheres possuem sobre o tema, a vontade de possuir mais conhecimento sobre o tema e o desejo de voltar a estudar, como forma de inserção mais qualificada na sociedade. Abordamos na categoria *preocupação com os filhos*, as falas que trazem diretamente os filhos como potencializados para busca de direitos e luta por melhoria de vida.

Como *tempo ocupado com os filhos*, esta categoria se representa pelos relatos onde o tempo ocupado com os filhos se representa como justificativa para que as mulheres não possam dedicar tempo para si mesmo e para participar de espaços que poderiam agregar mais conhecimento e pertencimento social.

Na categoria *desconfiança*, abordamos as falas das mulheres que representam insegurança com relação aos espaços de discussão e decisões tomadas nas associações e espaços democrática de debates por direitos. Abordamos na categoria *impulso para a ação*, os relatos que representam mobilidade, ações que tornam possível a realização de movimentos no sentido de mudar a situação atual de vida para melhor.

Como *desvalorização do trabalho*, se apresentam as falas onde as mulheres destacam situações onde foram desvalorizadas por ser mulher, mãe ou em situação de doença, seja das mesmas ou de seus filhos.

A categoria *saúde debilitada*, aborda os relatos onde as mulheres apresentam as questões de saúde próprias ou de seus filhos como impedimento de dedicarem-se mais a si e buscarem formas de mudar a situação de vida. Abordamos na categoria *segurança nos espaços*, as falas onde esta aparece como algo a ser alcançado e pela insegurança com relação ao que tem sido oferecido como direito, a questão da violência e a indiferença vivenciada nos espaços públicos e na comunidade, esta tanto advindas de bandidos como da polícia, elemento que aparece em falas antagônicas, representando tanto segurança quanto medo.

Na categoria *protagonismo*, abordamos as falas onde as mulheres pontuam experiências positivas e negativas com relação a conduzir a própria vida, a tomar decisões sozinha e definir como educar e direcionar seu próprio desenvolvimento e de seus filhos. Abordamos na categoria *falta de tempo livre*, os relatos onde as mulheres pontuam falta de tempo para cuidar de si mesmas, de seus filhos e para poder participar de espaços de discussão e de convivência com outras pessoas. Como *ligação com o divino*, abordamos as falas onde as mulheres fazem a ligação de suas vivências com o desejo de Deus, este apresentado como algo cristalizado e/ou agradecimento pelas conquistas alcançadas.

Na categoria *resistência a mudança*, abordamos os relatos onde as mulheres mostram-se resistentes a novas possibilidades e conhecimentos, demonstram estar adaptadas a situação de vida e tem medo e insegurança para arriscar novas possibilidades.

Questão 1: O que significa empoderamento para você?

Os resultados obtidos nos mostram que as mulheres chefes de família ainda possuem uma apropriação superficial sobre empoderamento, apresentando fragilidade na compreensão e desejo grande de possuir maiores conhecimentos e viver de forma mais autônoma.

A apropriação do tema gera, de acordo com as mesmas um sentimento de pertencimento social mais qualificado, de poder não só sentir-se parte da sociedade, como também poder ajudar outras pessoas a vivenciarem os momentos difíceis com mais leveza, podendo dar suporte e amparo.

A possibilidade de ser empoderada gera o protagonismo, não tendo necessidade de ser dependente de ações do governo e de “benevolência”, mas saber com clareza seu lugar de fala, os equipamentos de proteção, bem como onde solicitar, exigir e buscar direitos, para desta forma realizar ações que impulsionem a melhoria na qualidade de vida.

Compreendemos que os aspectos apresentados são reflexos da oferta mínima ou escassa de espaços de discussão nas comunidades onde reside a população em situação de vulnerabilidade social, o que se tem minimamente são associações que realizam algumas reuniões específicas para definir assuntos cotidianos da comunidade, porém sem aprofundamento que qualifique e busque trazer a compreensão quando consciência de classe e análises de conjuntura.

Ao analisarmos a primeira periferia, percebemos que o empoderamento está ligado a possibilidade de mudança, a igualdade social e o impulso a ação, aparecem no sentido de busca, são questões positivas que se espera quando a comunidade está empoderada dos seus direitos, de sua vida e do desenvolvimento.

Poder. Sabe...empoderamento é você ter os mesmos direitos que os outros, sabe? Você...eu, por exemplo, sou de baixa renda, me considero, igual, no momento eu tô desempregada...e ter os mesmos direitos que os outros de alta sociedade têm, pra mim o empoderamento é isso...sabe? E e pra mim ter esse empoderamento eu acho que eu tenho que, na minha cabeça, terminar pelo menos os meus estudos, meu 3º ano...arrumar um bom emprego, poder entrar e sair em qualquer lugar como qualquer um outro cidadão que tem uma renda mais alta do que eu...

Os elementos presentes na segunda periferia, sugerem coerência com o núcleo central, mostra que existe uma desconfiança quanto as decisões tomadas por outras pessoas e que interfere na vida coletiva, o que reforça o desejo presente no núcleo central de adquirir maiores conhecimentos sobre o tema e que é vontade divina que todas as pessoas tenham uma vida digna sem necessidade de tanta preocupação com relação ao futuro das gerações. O fato de não se ter observado elementos contrastantes revela compatibilidade com o núcleo central.

Questão 2: Me diga palavras soltas que te façam pensar em emoderamento

Ao falar sobre empoderamento, os relatos mais frequentes apontados pelas mulheres estão entre as categorias: aquisição de conhecimento, pertencimento social e igualdade social. Se percebe que as mulheres entendem que estar “por dentro”, ter os conhecimentos com relação ao que acontece na sociedade, no que diz respeito a direitos e análise de conjuntura favorece o sentimento de pertencimento social e a igualdade se faz como consequência.

Ah, que tivesse...porque eu iria tá por dentro de tudo que tá acontecendo, porque queira ou não é pra mim e pra minha família...poder saber o que que tem de novo...poder saber porque às vezes eu não preciso só que tem muitas pessoas que têm filhos que é...que tem problema, que precisa de remédios mais caro, que precisa de coisas mais avançada, aí não tem. E se você tivesse essas reuniões pra tá...você tá a par do que está acontecendo, pra você até passar pra um amigo, pra uma vizinha...ó...eu tô participando de uma reunião...então, tem ali, tem aquilo, corre atrás direito, você é isso, você pode aquilo...mas, infelizmente, não tem (Relato da entrevistada G213).

A primeira periferia vem reforçar que se percebe o empoderamento como impulso para ação, e que este se dá devido a preocupação com os filhos, como aponta o relato da entrevistada G13:

Família...eu penso muito em família, nos meus filhos...minha casa própria, emprego que eu tô precisando muito e no momento eu não posso, passando pela...tô passando pela uma necessidade assim financeira, Brasil quase todo, né?...e eu especialmente porque é uma crise e essa crise vai passar com fé em deus...eu começando a trabalhar, tudo vai se resolver...porque eu corro atrás, sabe? Meus objetivos. Que seja pelo menos dar o que comer pros meus filhos assim uma coisa, comer uma coisa boa, né...”

Os elementos presentes na segunda periferia, sugerem coerência com o núcleo central, na medida que deles emergem o sentido de desconfiança com relação ao que é decidido sobre direitos, principalmente da população em situação de vulnerabilidade social, ligação com o divino, com o que acreditam como força superior, representado por Deus e resistência a mudança por considerar algo desconhecido. O fato de não se ter observado elementos contrastantes na primeira e segunda periferia revela compatibilidade com o núcleo central.

Questão 3: Qual sua participação na comunidade em que vive, nas discussões e debates sobre direitos sociais? Existem espaços de discussão nos quais você pode participar nesse sentido?

Os resultados apresentados conferem a esta experiência um sentido negativo, tendo em vista a presença, no núcleo central da predominância de evocações voltadas a categoria falta de tempo livre, falta de informação e pertencimento social, que representam como tal experiência é construída pelas mulheres. A condição de pertencimento social, se apresenta no sentido de não sentirem-se parte dos processos de discussão e se sentirem submetidas a decisões das quais não compreendem e muitas vezes não concordam, como relata a entrevistada G29:

De vez em quando aparece umas placa lá nos poste...dizendo que vai ter tipo um conselho no posto se a pessoa quiser ir participar...aí, você vai. Mas o povo acaba não indo...porque tipo chega lá é só eles que fala...tipo...a...a...a sua opinião você vai...você quer falar, você dá sua opinião...mas é tipo que a opinião da pessoa não...não vale...não serve pra nada...então...eles...tipo...deixa ali...”ah, eu vou pra lá fazer o que? Só escutar eles falar?”...Se eu for falar, não vai resolver, então...tipo, aí a população acaba deixando do jeito que...que fica...que é só bagunça...essa bola de neve...que...e cada dia fica mais pior.

Ao examinarmos a primeira periferia, compreendemos que as mulheres entrevistadas, apresentam necessidade de adquirir mais conhecimentos sobre os direitos e que o mesmo não é possível pelos aspectos apresentados no núcleo central e também pela saúde que aparece debilitada em alguns momentos tanto nas mulheres como em seus filhos e o tempo estar ocupado cuidando dos mesmos.

Eu não sei, eu posso falar mentira se falar que sei, porque eu to todo dia no hospital, porque fico fraca, tonta, posso cair na rua, então eu tenha que ficar descansando, amanhã tenho outra hemodiálise, então quase todo tempo estou no hospital. Se não é minha hemodiálise é levando meu filhos, eu tenho que estar indo vindo... não sei, não dá tempo (Relato da entrevistada G24).

Os elementos da segunda periferia sugerem coerência com o núcleo central, mediante o sentido de igualdade social e impulso para ação mencionados anteriormente.

Questão 4: Você considera que compreende e tem acesso aos direitos básicos?

Os resultados obtidos nos mostram que as mulheres chefes de família, possuem pouco conhecimento com relação aos direitos básicos dos cidadãos. As categorias mais evocadas foram falta de informação, aquisição de conhecimento e igualdade social.

Não muito, hoje conheço mais, a gente tem mais acesso a informações, mas acredito que ainda não sei todos, muda muito né, cada governo faz de um jeito, uns se preocupam mais e outros menos com a gente” (Relato da entrevistada G215).

Eu acho que eu sei quais são, mas eu não tenho acesso e não entendo muito. Sabe? Você saber que você tem direito, mas você não sabe até aonde você pode ir e quem que você pode cobrar ou aonde você pode cobrar” (Relato da entrevistada G113).

As mulheres acreditam que a igualdade social será possível se todos tiverem o mesmo nível de informação sobre os direitos e seus acessos garantidos com qualidade. O elemento da primeira periferia reforçam os conteúdos apresentados no núcleo central de acordo com o já pontuado sobre a categoria impulso para a ação.

O fato de não se ter observado elemento contrastante na primeira e segunda periferia revela compatibilidade com o núcleo central.

Questão 5: Cp,p seria uma cena na qual os seus direitos e liberdades (e dos filhos) seriam respeitados?

Temos que ao pensar a cena ideal com relação aos direitos e liberdades está muito forte a questão da igualdade social, pertencimento social e protagonismo.

Quando tudo passasse a funcionar do jeito certo, do jeito que eles, é... determinasse, porque eles determinam, né, aí a gente tem que aceitar... então, eles escreveu, a gente leu e aceitou se fizesse a lei vai ser assim, assim e assim e cumprisse, porque por mais que... eles pode colocar lei, mas quando chega no local exato que é pra você conseguir resolver, não resolve (Relato da entrevistada G29).

Eu ia ficar feliz, nossa, se eu soubesse dos... de todos os direitos que eu...que eu tenho e conseguisse, eu ia ficar muito feliz... acho que eu ia poder espalhar pra todo mundo poder concorrer atrás do seu direito também se eu consegui as pessoas também consegue, né. Ia ficar bem feliz (Relato da entrevistada G18).

Se espera que as famílias tenham mais possibilidade de acessos e que isto independa de sua condição social, que possam ser vistas e aceitas nos espaços da sociedade com maior valorização e que possam ser protagonistas de suas ações.

Ao analisarmos a primeira periferia, temos a aquisição de conhecimento e a segurança nos espaços, que por sentirem-se vulneráveis se apresenta como algo negativo, que fortalece todas as categorias apresentadas no núcleo central.

Como seria? Segurança né, ou até mesmo no ônibus, poder ir em um ônibus não muito cheio, tranquilo, poder sentar, eu já fui assaltada dentro do ônibus, vai fazer 6 meses, peguei o celular para ouvir uma mensagem, quando coloquei no

ouvido o cara veio por trás pegou meu celular e desceu. Então, quer dizer, você não tem mais segurança né, imagina eu, não conseguir nem pegar o celular dentro do ônibus e quando eu pego fico olhando pra ver se não tem ninguém (Relato da entrevistada G28).

A segunda periferia mostra-se condizente com o núcleo central, tendo em vista a presença de sentimentos negativos com relação a falta de informação e impulso para ação.

Questão 6: Me conte uma experiência onde teve seus direitos sociais violados

Os resultados obtidos nos mostram que as mulheres participantes da entrevista possuem experiências voltadas para falta de informação, saúde debilitada e igualdade social, sendo que as experiências apontam questões negativas principalmente voltadas a área da saúde. Se compreende que uma qualidade maior das informações recebidas seria suficiente para que não sofressem com questões de doenças físicas e mentais, tanto suas próprias quanto de seus filhos.

Sempre tem coisa ruim, eu sei que tem muito direito, mas onde tem é longe, a gente não tem como ir, a gente não tem como buscar os direitos dos deficientes, os deficientes físicos, ele participa de um monte de coisa, ele consegue, mas o deficiente mental ele não consegue praticamente nada porque quem com eles tem que ficar 24 h, no caso as mães não tem como deixar com ninguém, se uma pessoa fica um minuto não segura (Entrevistada G211, possui filho com deficiência mental).

O elemento presente na segunda periferia, sugere coerência com o núcleo central, mostra que existe a necessidade de aquisição de conhecimento para que não se vivencia tantas experiências negativas com relação aos acessos aos direitos, O fato de não se ter observado elementos contrastantes revela compatibilidade com o núcleo central.

Questão 7: Me conte uma experiência onde pôde participar das discussões sobre os direitos sociais ou exigir que tenha acesso aos seus direitos

Ao falar sobre experiências de participação, os relatos mais apontados pelas mulheres estão entre as categorias: igualdade social e aquisição de conhecimento. Não são muitos os momentos onde as mulheres participam de discussões, as que participam são, principalmente, as que moram em ocupações onde existe um movimento organizado para a busca do direito a moradia. Como mostra o relato da entrevistada G1.3:

Nós temos, é... bastante assembleias, né, reuniões em cada andar que a gente mora tem o coordenador... pode?... então, cada andar ali tem um coordenador, inclusive, no que eu estou agora tá sem coordenador, houve uma mudança, aí tá sem coordenador, mas a gente sempre é bem informado quando há assembleia, reuniões com a coordenadora geral, falar com questão de habitação, alguma mudança, e eu tô sempre presente, eu gosto de participar de tudo pra mim ficar bem inteirada, né, de tudo. E eu gosto de dar minhas opiniões, o que eu penso, e eu tô ali na expectativa de, de um dia eu ganhar meu apartamento, que é aquele Minha Casa, Minha Vida, né?... como eu não trabalho registrada, eu acho impossível, mas pra Deus nada é impossível.

As mulheres acreditam que apenas quando existir a igualdade social poderão ter voz e vez e que por mais que saibam de seus direitos não tem onde exigir que sejam colocados em prática, pois não há discussão sobre os mesmos nos equipamentos, há apenas a resposta positiva ou negativa e esta não vem acompanhada de explicações.

Acho que referente ao bolsa família, eu consegui pegar, mas depois que minha mãe faleceu eles cortaram meu bolsa família e eu fui atrás e não me responderam, fiquei com um ponto de interrogação até hoje, ela tava incluída junto né, e eu fui perguntar porque bloquearam porque meus filhos não faltavam na escola, vacina tudo em dia. E eles faram para mim que foi o governo que tinha cortado e eu achei estranho aquilo, fui atrás, continuei mas não tinham uma resposta. O governo tinha que me garantir, ele atrapalha (Relato entrevistada G11).

Os elementos presentes na segunda periferia mostra-se condizente com o núcleo central, tendo em vista a presença de sentimentos negativos com relação a experiências voltadas a saúde debilitada e desconfiança com o que é oferecido como direito.

Representações Sociais Sobre Empoderamento de Acordo com os Grupos

Grupo 1: mulheres mães de filhos maiores de 18 anos, com idade de 18 a 39 anos

A representação social das entrevistadas do Grupo 1, indica que, o conhecimento sobre empoderamento ainda é muito pequeno, existe a necessidade de conhecer mais sobre os direitos, a informação que chega para as mulheres ainda é limitada e se acredita que apenas com

esta apropriação será possível buscar a igualdade social almejada. O pouco conhecimento com relação aos assuntos de interesse da população em situação de vulnerabilidade social faz com que o sentimento de pertencimento social seja negativo, o que impede que se viva com qualidade e que a apropriação dos espaços públicos seja positiva.

Ao analisarmos a primeira periferia, temos que o empoderamento seria um impulso para a ação rumo a busca de maior qualidade de vida e protagonismo das famílias, e que mesmo com interesse e espaços para discussão, mesmo sendo poucos, muitas entrevistadas não conseguem participar devido a terem a saúde debilitada, tanto a sua quanto a de seus filhos.

Os elementos da segunda periferia apresentam compatibilidade com o núcleo central, representadas por falta de segurança com relação as informações recebidas o que acarreta desconfiança e preocupação, com relação ao futuro e com relação aos filhos.

Grupo 2: mulheres mães de filhos maiores de 18 anos, com idade de 40 a 55 anos

A representação social sobre empoderamento, presente na fala das mulheres, são constituídas pela busca de igualdade social. Se compreende que as informações sobre os direitos ainda precisam ser melhoradas e acessíveis para a população, existe uma busca por aquisição de conhecimento e desejo de apropriar-se das discussões, percebe-se que apenas com esta apropriação será possível constituir pertencimento social positivo.

Na primeira periferia se apresentam elementos que fortalecem o apresentado no núcleo central, que é a preocupação com os filhos e a gratuidade nos serviços que se apresenta por falas tanto positivas quanto negativas, como já mencionado anteriormente.

Os elementos da segunda periferia mostram-se bastante condizentes com o núcleo central, tendo em vista a presença de sentimentos negativados, vivenciados por ocasião da falta de conhecimento com relação aos direitos, como: desconfiança com relação as informações repassadas pelos equipamentos públicos, preocupação com os filhos com o que acessam e com o que virão a acessar no futuro, desvalorização do trabalho, se compreende que as mulheres recebem tratamento inferior aos homens e isto se dá pelo fato de não terem parceiros e precisarem de momentos para cuidar dos filhos, tendo muito do seu tempo ocupado com os mesmos.

Representações Sociais das Mulheres em Situação de Vulnerabilidade Social Sobre Empoderamento

Temos que a representação social das mulheres entrevistadas no estudo sobre Empoderamento, se ancora na busca de igualdade social, seguida de falta e busca por conhecimentos com relação aos direitos e pertencimento social.

Na primeira periferia temos elementos que fortalecem o apresentado no núcleo central apresentado pelas categorias: falta de tempo livre, devido a saúde debilitada, desejo de conhecimentos que as impulsionem a ação e gerem o protagonismo nas suas decisões pessoal e com a família, preocupação com os filhos e desconfiança com relação as informações recebidas.

Os elementos presentes na segunda periferia fortalecem o núcleo central, visto que as categorias apresentadas são: falta de segurança nos espaços, resistência a mudanças devido a falta de conhecimento, tempo ocupado com os filhos que não permite a busca por mais conhecimento e participação assídua nos espaços de discussão, sentimento de desvalorização nos espaços de trabalho, por ser mulher e por não ter os conhecimentos esperados e a atribuição de da condição de vida, tanto de melhoria como estagnação a vontade divina.

Acreditamos que o fato de não terem apresentado elementos contrastantes em nenhuma das questões discutidas, se dá devido as entrevistadas terem participado recentemente no serviço de convivência que frequentam de discussões relacionadas a direitos e empoderamento necessários a toda população, em especial a que vive em situação de vulnerabilidade social.

Ao analisarmos as representações sociais apresentadas pelos grupos, percebemos que nesta temática as ancoragens convergem e trazem a questão da necessidade de maior informação com relação aos direitos de maneira latente. Tanto o grupo 01 quanto o grupo 02 apresentam este elemento no núcleo central.

No grupo 01, as representações se fortalecem pela presença também da necessidade de pertencimento e busca por qualidade de vida, enquanto que o grupo 02 traz a tona a busca por igualdade social, elementos estes que se complementam e mostram que embora aspectos específicos da vivência das mulheres sejam distintos, a questão do acesso total as políticas públicas e a necessidade de maior conhecimento sobre direitos é vivenciado da mesma maneira.

No grupo 02, a preocupação com os filhos se apresenta na primeira periferia, como objetivação, junto com a questão da gratuidade dos serviços. Enquanto que para o grupo 01 a primeira periferia se compõe pela busca de melhor qualidade de vida e impulso para a ação que gera o protagonismo. O que está de acordo com o proposto por Erikson para esta fase do desenvolvimento.

Para o grupo 01 a necessidade de maior conhecimento se apresenta na segunda periferia acarretando insegurança e maior preocupação com os filhos, como apresentado na fase do desenvolvimento psicossocial vivenciada. O mesmo apresentado pelo grupo 02, fortalecida pelo sentimento de desvalorização do trabalho da mulher.

Considerações Finais

Os relatos apresentados pelas entrevistadas trouxeram elementos significativos que nos possibilitaram a aproximação com a realidade de vida de cada uma das participantes, foram relatos fortes de dificuldades e superação e acima de tudo, de desejo e busca por melhores condições de vida.

Ao falar sobre empoderamento, temos que não são suficientes os canais de informação sobre direitos disponíveis para a população. Existe a necessidade de maior divulgação, espaços de discussão com direito de fala para o público em questão, o que existe é insuficiente para que as mulheres possam sentir-se empoderadas e seguras para discutir e buscar espaços de acessos qualificados. Os equipamentos públicos que em tese possuem a função de informar e possibilitar convivência positiva, não suportam e não oferecem atendimento que supra a demanda presente.

Ao utilizarmos a Teoria das Representações Sociais como aporte teórico metodológico pudemos nos aproximar das estruturas empíricas das mulheres e dar significado as vivências, angústias e potencialidades. Neste sentido, a escolha foi frutífera e atendeu as expectativas do estudo.

Compreendemos que é gritante a vinculação de políticas públicas para a população em situação de vulnerabilidade, especialmente para as mulheres, para além disso, existe a necessidade de um processo educacional igualitário, não patriarcal, que discuta padrões de gênero, perspectivas e projetos de vida e um Estado interessado e que dê conta das angústias desta população.

O Estado apresenta papel importante no desenvolvimento do empoderamento das mulheres e se compreende que se faz necessário pressionar para que haja maior qualidade no que é ofertado com propostas concretas de agenda feminina e maior busca e condições de envolvimento.

É necessário, cada vez mais, o desenvolvimento de pesquisas e programas com visões abrangentes, de forma a envolver tanto quem oferece os novos conhecimentos, quanto os conhecimentos já existentes das mulheres, para a criação de soluções possíveis e alcançáveis para a melhoria da qualidade de vida deste público.

Por fim, se faz necessário uma mudança de padrões e este como bem aponta as mulheres participantes da pesquisa se dará por meio da educação e pode ser potencializado por equipamentos e governos dispostos a quebrar paradigmas e que possa a ver todos e todas como cidadãos e cidadãs apenas, sem o peso do gênero e dos padrões criados pela sociedade.

A pesquisa apresentada mostra a necessidade da efetivação de mobilizações sensibilizadoras, capazes de introduzir uma agenda de políticas públicas que atuem no empoderamento das mulheres, bem como novos estudos, no que tange a forma de vida das mulheres nas comunidades onde residem e a forma que o mercado de trabalho e Estado podem estabelecer acessos com mais qualidade e de possível inserção das mesmas.

Referências Bibliográficas

- Abric, Jean-Claude. (1998). *A abordagem estrutural das representações sociais*. Em Moreira, Antonia Silva Paredes., & Oliveira, Denize Cristina de. (Org.). Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: AB.
- Abric, Jean-Claude. (2003). *A abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes*. Em Campos, Pedro Humberto F., & Loureiro, Marcos Correa da S. (Orgs.). Representações sociais e práticas educativas. Goiânia: UCG, p. 3757.
- Almeida, Angela M. O., & Cunha, Gleicimar. (2003). *Representações Sociais do Desenvolvimento Humano*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 16(1), p. 147-55
- Alvarenga, Mirela S. (2012). *Risco e Vulnerabilidade: Razões e implicações para o uso na política nacional de assistência social*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Política Social - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
- Baquero, Rute., & Baquero, Marcello. (2005). *Educação, capital social e democracia buscando pontos de convergência*. Educação Unisinos, 9(2), 77-83.
- Berquó, Elza., & Oliveira, Maria C. (1990). *Família no Brasil: análise demográfica e tendências recentes*. Ciências Sociais Hoje, São Paulo, Vértice/ANPOCS, pp. 30-64.
- Freire, Paulo (1979). *Educação e mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gohn, Maria .G. (2004). Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. *Saúde & Sociedade*, 13(2), 20-31. Acessado em de de novembro de 2018, de: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902004000200003&script=sci_abstract&tlng=pt
- Jodelet, Denise. (1985). *La representación social: Fenómenos, concepto y teoría*. In: Psicologia Social (S. Moscovici, org.), Barcelona: Paídos.
- Moscovici, Serge. (1976) *La Psicanalyse, son image et son public*. Paris: Presse Universitaire de France.
- Moscovici, Serge. (1978). *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, Serge. (1981). On social representation. Em Forgas, Joseph P. (ed.). *Social cognition*. London: Academic Press.
- Nogueira-Martins, Maria., Bogus, Claudia M. *Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde*. Saúde & Sociedade. Acessado em de de novembro de 2018, de: 13(3), 44-57. Acessado em 12 de novembro de 2018, de: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000300006&lng=pt&tlng=pt
- Putnam, Robert. (1993). *Comunidade e Democracia. A Experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, tradução de Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy.
- Roesch, Sylvia Maria Azevedo. (1999) *Projetos de estágio e de pesquisa em Administração: guia para estágios, trabalho de conclusão, dissertações e estudos de caso*. 2.ed. São Paulo: Atlas.



- Torossian, Sandra D., & Rivero, Nelson E. (2012). *Políticas públicas e modos de viver: a produção de sentidos sobre a vulnerabilidade*. In: CRUZ, L. R. da; Guarechi, N. (Org.). Políticas públicas e assistência social: diálogo com as práticas psicológicas. 3 ed. Petrópolis: Vozes.
- Vitale, Maria A. F. (2002). *Famílias monoparentais: indagações*. In: Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo: Cortez

Recebido em 02/08/2018.
Revisado em 13/10/2018.
Aceito em 03/11/2018.